

SEMANARIO NOTICIOSO, LITTERARIO, SCIENTIFICO, RECREATIVO, ETC., ETC., ETC.

PROPRIETARIO E UM DE SEUS REDACTORES

PEDRO ORSINI GRIMALDI PEREIRA DO LAGO.

ASSIGNATURA.		ASSIGNATURA.	
CÔRTE E NICHETROY:		PROVINCIAL:	
Por anno.....	12\$000	Por anno.....	16\$000
Por semestre.....	6\$000	Por semestre.....	8\$000
Por trimestre.....	3\$000	Por trimestre.....	4\$000

Não se recebem assignaturas por menos de 3 mezes, sendo estas pagas adiantadas, como é de costume. Os Srs. assignantes terão sempre direito a todos os numeros deste jornal, comprehendidos no trimestre, semestre ou anno de sua assignatura. Subscreve-se nesta typographia e nas principaes livrarias da côrte.



Politica popular.

III.

Uma das épocas mais gloriosas da nossa historia será, sem duvida, para o futuro, esta por que passamos.

O Imperio em sobressalto continuo para com o estrangeiro, e minado interiormente pelo descontentamento do povo, quando no poder o partido hoje opposicionista, tudo indicava uma proxima subversão social; tudo induzia a crer que o Brazil caminhava a passos de gigante para o abysmo de sua decadencia. O desgosto e o desespero lavravão por todo o paiz; e por honra do espirito nacional energicas manifestações tiveram lugar em diversos pontos, sem fructos nem resultados, porque não passavão de esforços isolados, em meio de tanta calamidade e incuria.

Mas a Providencia daparaou ao Brazil um animo robusto, que comprehendeu a amarga situação em que nos achavamos, e desde logo tratou de salvar-nos com o mais salutar remedio.

Este animo robusto é o do Sr. presidente do conselho, e esse remedio salutar foi a ascensão do partido conservador ao solio do poder executivo.

A noite do desespero amanheceu, e á luz radiosa da manhã o povo conheceu o erro em que vivia, acatellando a sua ingenuidade para com aquelles que lhe pregavão a mais irrisoria democracia.

A expressão das urnas na ultima eleição vem em apoio do que avançamos.

É que o povo ganha sempre a liberdade de acção, quando na arena de sua soberania encontra-se apenas com a sua propria consciencia

e desacompanhado de traiçoeiros guias partidarios.

A independencia do voto tornou-se real desde a ascensão do actual governo, porque o povo olhou-a como filha legitima de seu pensamento, como puro palpite de seu coração, escolhendo entre todos os homens aquelles que são dignos de engrandecel-o, engrandecendo a nação. E, assim praticando, as urnas excluíram de seu seio o liberalismo, porque a politica liberal em nossa terra tem em si o germen de sua propria destruição.

É o partido, sem unidade de pensamento, subdividido em novos partidos, em facções acephalas, tendendo cada uma ao seu interesse individual, e todas a um unico fim—ao desmoroamento da ordem social,—que em sua queda faz levantar o pó das rebelliões, matando todas as crenças e despenhando a patria na desolação e na miseria!

Da ingenuidade popular é que nasce sempre a sua propria descrença e se originão todos os males por que passa uma nação.

O povo brasileiro, iludindo-se, ou deslumbrando-se com os falsi-fulgentes brilhos, com as pompas radiosas de seus proprios verdugos, deixava-se conduzir ao altar do sacrificio, em cujas aras ia queimar incensos ao deos do interesse de quem o votou sempre á desventura e ao esquecimento!

A democracia pura ensinuava-se no espirito popular, e por isso via-se a nação como que vestindo-se de cores liberas, embora os sentimentos conservadores lhe palpitassem no intimo do coração!

Hoje felizmente o povo voltou a face para a luz que expandio-se no céu da patria! Acordou

falta de seu pesadelo de angustias, porque os raios do sol da esperança é que lhe abrião os olhos!

E o povo tinha os cabellos hirtos de pavor com os phantasmas tenebrosos que o cercavão! Todos elles horripilantes, cada um se incumbia de seu mister infernal! Este pedia-lhe o pagamento de pesados impostos, aquelle substitua-lhe as modestas roupas pelos andrajos da miseria em que o deixava; aquell'outro, salpicado de sangue e sobraçando mirrados e desmembrados esqueletos, ao povo fallava assim: "Eis o que resta de vossos filhos, de vossos irmãos, fulminados nas esforçadas luctas de uma guerra de extermínio!"

Foi em meio de tão lancinantes dores e gemebundos suspiros que o povo despertou em glacial suor e vio o visconde de Itaboraay á testa do mais sabio governo dizer-lhe:

"Ergue-te, oh! povo! readquire a tua soberania, porque eu sou o chefe do partido conservador, desse incansavel obreiro que reergue e restaura sempre os foros compromettidos do Brasil!"

E o povo ergueu-se e sorriu. E o povo confiou, e as scenas se mudáron.

E a arvore que não fructificou foi cortada por inutil; e a que se plantou vai sendo cultivada pelo povo: está virente e vigorosa; desdobra seus galhos para que elle se recolha á sua sombra e coma em paz seus saborosos quão sazonados fructos.

A propria Providencia encarregou-se de assignalar época tão memoravel com a descensão do liberalismo!

O genio da guerra sentio-se inalado e cahio rojando a face nos ossos de suas victimas, carcomidos pelos vermes do tempo! Quiz erguer-se e não pôde; e ao ver o Marquez de Caxias sobraçado de louros e de glorias, aos joelhos quebrou o luzidio alfange, e fugio tropeçando ainda nos montões de cadáveres esparsos pelos chãos da campanha! A cada grito de victoria que o exercito brasileiro eleva, o genio se extorrega nas ancias do desespero.

Entrementes, vêde, oh! povo, se fostes illudido em vossa esperança subindo os conservadores ao poder.

Voltai os olhos para o sul do Imperio! Vêdes como ali o ceu se veste das cores do iris? Attentai, que vai apparecer o anjo da paz e da

concordia! Vós o vereis descer das alturas sideraes, para, em meio dos despojos da guerra, chorar os mortos, reanimar os moribundos e curar os feridos; e depois... alando-se ao ceu, e estendendo os braços para todo o Imperio, dizer:

"Descançai, oh! heroes!"

"A honra e a dignidade nacionaes estão vingadas e selladas com vosso precioso sangue! Nos fastos da historia do Brazil os vossos feitos terão o primeiro lugar!"

E não será isto, o que realmente está acontecendo?

Quem terá a coragem de nega-lo?

Ninguém. Portanto, porque razão não diremos com o povo:

Bemvidos forão os conservadores!

Malena.

PHANTASIA ROMANTICA

por E. P. L. de A.

(Vid. o n. antecedente).

IV.

Inconsolabile vulnus,

Mente geritlacita lacrimi que absuntur omnis.

(Ouvindo — Methu.)

Começamos a viver quando sentimos uma affeição profunda onde se vão concentrar todas as forças de nossa alma.

Antes o existir parece-nos incompleto, porque apenas explica o principio de uma actividade pausada o desenvolvimento natural, quasi vegetativo de uma animação fria, porque o alvejar incerto e enfraquecido crepusculo não é a luz segura e radiante do dia.

O botão da flôr descerra-se esmaltado de viço e de belleza ao calor vivificante do sol; o coração também ermo e vazio—abre seu calice em mysterioso silencio ao fogo sagrado da visão do ideal.

Manifesta-se então n'esse conjuncto de cranças e de sorrisos, aquella harmoniosa identidade de pensamentos e desejos d'onde resulta o contentamento da vida feliz.

E' na frescura ambiente que a alma se expande e que reverdece na curta duração do gozo do finito.

E o que será d'ella, se quebrada depois pela decepção tiver de esquecer, de apagar essa

imagem doce, gravada intimamente em seu seio?

Como a superfície límpida do lago de prata — não reflectindo mais a nitidez cerulea dos céos — enturva-se medonha espelhando o escuro sinistro do bulcão da tempestade.

Transfigura-se então de uma maneira lugubre: despe o véo do encanto para tomar a túnica do martyrio — que marca essa transição vagarosa mas terrível da existencia florida para a morte prematura.

Tinhão-se passado tres dias depois da narração de Luiz...

A aurora havia-se levantado descórada por cima do cinto esbranquiçado que corôava o pináculo dos montes.

O céu tingia-se de nuvens pardacentas e o vento sul começava a soprar humido e penetrante...

Malena dormia!

Atravéz das alvas cortinas do seu leito — via-se a forma ondulosa de seu corpinho gracioso envolto no flocó alvejante de finas cambraias...

Era como a fada que tinha adormecido ao claro magnífico do luar do tropico e que a manhã sorprendera coberta do nevoeiro das seranias.

Com a face pousada em uma mãozinha de neve — seu semblante era apenas sombreado pelos cachos formosos de seus cabellos que lhe emmolduravam a fronte de uma capella de flores douradas... e nas suas palpebras, que se-melhavam duas petalas de rosa ainda fechada ao alvorecer do dia, divisava-se aquella serenidade que caracteriza as almas puras e virginaes...

Ao fresco collarido do rosto tinha-lhe succedido a cor pallida de uma morbidez languida — fructo do cansaço das vigílias. De vez em quando seus labios rubros desmaiados desabrochavam um sorriso inspirado como uma nota de fugitiva harmonia que se escapava talvez do canto infantil do seu coração...

Era um dormir angelico e sereno librado nas azas de um sonho de delicias...

Era uma curta existencia de mysterio, porque dormindo, a alma innocente toma a transparencia dos seres celestiaes...

N'essa ligeira methamorphose o coração bate

tímido e vagaroso porque receia perturbar as melodias do espirito...

Quando um sonho se esvae — então os olhos se abrem docemente despedindo uma luz viva e animadora que acompanha o brando anhelito dos labios que se desenlaça tambem para sorrir....

E' este o acordar tranquillo da virgem — desperto mavioso do passarinho que saúda a brisa da madrugada...

Malena acordou com a placidez dos anjos... tinha a ingenuidade da creancinha que se espreguiça no berço...

Esta expressão de meigo repouso que mais realçava as bellezas de suas formas, era contudo contrastada com um certo ar de melancolia suave e pensativa...

Erguendo-se sobre o seu leito ella percorreu-o com um olhar vago, inquieto e pescrutadôr...

Seu rosto contrahio-se de neve e tornou-se quasi livido.

Tinha a brancura sem vida do marmore misturada á cor tristonha da rôxa violeta...

Depois de um instante de visivel quebramento — ella cruzou dolorosamente os braços — e deixou cahir a cabeça sobre o peito...

Pensava... soffria, quem sabe? o pungir de uma idéa lugubre... de uma recordação penosa...

Como Herminia, desejava talvez a espessura dos bosques, para confiar aos troncos solitarios o segredo de seus pezares...

Não era mais a formosura vivaz e indolente que voava no turbilhão dos prazeres, nas salas ruidosas e brilhantes sarões...

Longe da crença do amor e da esperanza — trindade festiva d'alma aos quinze annos — ella não tinha uma phrase que não foses o murmúrio entrecortado da queixa...

Fulminada em seus vãos de anhellos — a pomba travessa rojava-se semi-viva sobre um tapete de cardos...

Debaixo de seus cilios — não fulgia mais a faísca ardente do fogo da phantasia... Balouçava apenas a perola triste da lagrima do sentimento...

Não sentia mais o hymno d'alma cantando o enlevo de suas ficções... Só ouvia o threno plangente do coração, chorando o sombrio de sua soledade...

V.

Inconsolabile vulnus
Mente gerit tacita lagrimis que
absumentur omnis.

(Ovidio—Meth.)

“E quem tinha cortado o fio de seus pensamentos floridos?

O desvanecer de um sonho que ella acreditára uma realidade; o sumir de uma estrella de formoso clarão, que tinha invocado nos dias de sua infancia; o murchar de uma flôr, que, acariciára no amanhecer de suas crenças; o fugir de um genio phantastico da noite que lhe segredára, nos mysterios do somno, lendas consoladoras de sacrosanta poesia; o estalar enfim de uma corda sonora, afinada na religião do sentimento casto, que outr’ora lhe derramava n’alma os sons queixosos e mellifuos da lyra do céo.

Agora aos primeiros alvôres do dia, com a fronte pesada de abatimento—eila!... entre os véos de seu leito meditava, pallida como a elegia da dôr.

Um instante depois... ella vencia esse marasmo que a dominava, e deitava-se de novo, sorrindo de tristeza, com o olhar flammejante e lugubre...

Era uma carta de Luiz...

Malena leu com voz debil, quasi sumida, as seguintes palavras:

“Um adeos a ti, anjo innocente da alvorada, que pensaste em amar o espectro que dorme no silencio das ruínas...

“Um adeos sincero, triste, derradeiro talvez, te envia o homem de negra sina, que não te pôde amar, porque te pôde perder...

“E’ um adeos de saudosa gratidão, é o osculo da alma ferida sobre a mão compassiva que quiz, bem que inutil, ameigar as dôres...

“A saudade é a unica crença que me ficou... Malena, eu levo saudade de ti...

“Esquece o mysterio terrivel que te revelei na noite do sarão...

“Que louco que eu fui!

“Teu coração não podia comprehender a linguagem que te falei no supplicio de minhas recordações...

“Por ventura pensa no tumulto a creança des-

“cuidosa que corre após da borboleta que dou-
“deja nas horas do crepusculo?

“Não: o genio da harmonia não sabe tanger
“o alaúde da dôr...

“Ama a existencia, tu que vives na suave
“illusão das esperanças da terra...

“Esquece o viajor cansado que viste sentado
“no marco poeirento do mundo... esquece-o,
“porque elle amaldiçoou o mundo e descreu da
“religião da vida...

“Entre as turbas que me não conhecem, pas-
“sarei sombrio e silencioso, como o judeu da
“legenda, com os olhos fitos na minha terra da
“promissão—o sepulchro!...

“E quando chegarei á cumiada do meu cal-
“vario?...

“Adeos, Malena... a regeneração para mim
“é impossivel... não ha esforço... não ha sacri-
“ficio... não ha virtude... que a possa conse-
“guir...

“Ella é uma flôr que nasceu no fundo do
“abyssmo... como decerei lá para tomal-a em
“seu leito de abrolhos?...

“Adeos, Malena... adeos...”

Ao terminar estas palavras, Malena fechou languidamente os olhos, e deixou escapar um gemido frouxo de intimo desespero...

Pobre menina!... o morrer da ultima esperança matava-lhe impiedosamente a visão que-rida que tinha nascido em seus primeiros sonhos!

Era o extremo anseio de seu amor moribundo que se envolvia no crepe do tumulo.

Era o impossivel do seu ideal, que se levantara, como a larva silenciosa das sombras ao eco da trombeta do archanjo da verdade!

VI.

Son breve suspiro
La vita il morir.

(S. Pellico.)

Era ao pôr do sol.

A terra se banhava nos reflexos d’essas enle-
vos caprichosos e sorprendentes que accompa-
nhão ao cabir da tarde—gracioso desmaio da
natureza que empallidece—introducção magis-
tosa do cantico da noite—poesia sublime de
Deus, que se derrama em ondas de frouxas scin-
tillações na esthetica da creação.

Então é doce alongar as vistas por sobre o dorso acinzentado das serras que serpeião ao longe e sentir nas faces a respiração morna das brisas do occaso.

Era ao pôr do sol !.... Na morada dos mortos, sob a ramagem escura e imovel dos arvoredos abria-se mais um asylo de eterno descanso.

O coveiro cantava ao som monotono e pesado da enxada.

Alem desta voz rude e descompassada que se prolongava como o estertor da agonia, nenhum eco mais de vida, nenhum vestigio de animação.

Era o tribunal do nada—silencioso e humilde diante do prolongamento da cruz.

Era o aspecto mudo do cemiterio —demonstração glacial da unidade humanitaria—solução sinistra do negro theorema da vida.

E quanto é verdadeira a religião dos tumulos!

Ali, ao luar frio do valle da destruição—falla rija e sonora a philosophia santa do martyr de Nasareth, porque o marmore do mausuléo do rico se confunde com o goivo rasteiro da sepultura do pobre.

E' ali que se escuta o brado terrivel da verdade—porque é ali o Sinai tremendo do mysterio.

Quando cahião as sombras cambiantes do crepusculo, o corpo inerte e gelado de uma virgem descia tambem lentamente ao fundo do leito do somno eterno.

Ainda morta era bella em sua pallidez melancolica !

No formoso azul de seus olhos ainda parecia existir um tenue resto da branda luz, e nos seus labios sem côr, contrahidos pelo soluço da morte, ainda o ligeiro roçar de um sorriso—e no entanto aquelles olhos já não vião o sol, e aquelles labios não podião mais se abrir para dizer—amanha !

Ao vá-l-a nesse repouso suave—com as tranças espalhadas sobre a tunica branca que lhe cobria as fôrmas—com as mãos docemente pousadas sobre o peito, vasio de palpitações, não dissereis a donzella quebrada pelo tufão do passamento, mas o anjo do céu descorado pelo sonho da terra.

Açucena mimosa, no abraçar da sesta, se inclinava languidamente para o sulco do campo.

Era Malena que pedia a sombra do cypreste, e que ensinava a lenda do seu martyrio, que o coração deve abençoar a morte, quando a alma sente-se prestes a renegar das virtudes de Deus.

FIM.

Nana.

Nana é um nome de mulher. Mas Nana não é a Julia de Rosseau, nem a Genevra de Byron pallida e triste a sonhar com phantasmas. Tambem não é a Beatriz do Dante, ou a voluptuosa e altiva Gulbeyaz de D. Juan, e nem finalmente a formosa Leonor a do Tasso. Nana não se parece de forma alguma' com essas bellezas comessinhas, e apenas pôde ser comparada com uma Flor de Maria revestida de todos os attractivos de Cosetta, 'essa filha dilecta do idéal de Victor Hugo.

E eu encontrei-me n'um baile campestre com esse anjo das campinas e dos prados, e julguei-me transportado ao Olympo, porque ninguem concebe que sobre a terra ingrata possam peregrinar tão seraphicas creaturas, typos de tanta innocencia e almas de tanta ingenuidade e sin-geleza !

E Nana, anjo dos campos, vestia a côr verde das collinas, e seu rosto de neve emmoldurava-se nas luzi-castanhas madeixas de seus cabellos. Seus labios, côr da aurora rubicunda, sorrião angelicamente para o mundo, mas esses risos erão do céu, porque Deos é que os entornava n'alma de tanta pureza !

E Nana abriu um manancial de delicias nos seios de minh'alma, porque minh'alma pungia saudades e lacrymava dores ; gemia magoas e suspirava esperanças desmaiadas !

E meu espirito destendeu as azas e volatilizou-se ás regíes celestes, onde a luz phosphorecente das tochas do firmamento allumina as substancias ethereas, que vivem de harmonias e de perfumes, de amor e de adoração !

Então minha phantasia vio Nana—nascendo do calix de um jasmim, balouçar-se no seio de uma rosa—sorrir-se como uma açucena que abre ao primeiro beijo do sol derramando perfumadas e nitidas góttas de orvalho sobre a relva ; e depois... como o gentil e alvacentos cygne lançar-se nas crystalinas agoas do lago tranquillo do

valle, e alongar o formoso pescoço soltando em notas de harmonia um hymno de louvor ao Creador de tanta formosura!

Aos sons harmoniosos e cadentes o eco respondeu em roda das campinas, e as florestas bafejadas pelas brisas da noite desprendêrão suas flores no chão dos prados, e a lua resplandeceu mais bella no caminho dos Ceos!

E Nana, — como a romã que estala aos raios do sol, — entre-abriu os labios e disse:

— Eu amo a poesia, amo as flores, e a harmonia, porque são os encantos, os perfumes e a ventura do meu ser.

E eu tornei-me poeta, porque as selti-vagas palavras de meus labios vinhão saturadas de tanta ternura, que o anjo dos prados, entre o sorriso e o extasis, inclinando a formosa cabeça, attento me escutou.

E eu disse:

— De meus labios se emana a poesia, porque meus olhos bebêrão delicias no teu semblante, e minha alma inspirou-se em tua candura!

E ferindo as cordas da lyra, a lyra cantou assim:

Oh! Nana! quem pôde

Te ver a figurar,

Que não com ternura

Tequeira adorar?

Oh! Nana, quem pôde

Deixar de te amar?

Dos campos o lyrio

Não tem mais candura,

Que na fronte pura

Tu tens, bella Nana!

Tu és entre as flores

A flor soberana!

Oh! Nana! quem pôde

No mundo exceder-te?

Na terra querer-te

Rival encontrar?

Oh! Nana, quem pôde

Contigo hobrear?

E o rosto de jaspe?

A bocca tão breve?

Os dentes de neve

Por entre o rubim?

Oh! Nana quem pôde

Ser tão bella assim?

E o corpo mimoso,

Delgado e fransino?

E o pé pequenina

Que piza mil flores?

Oh! Nana, quem tem

Tão grandes primores?

No campo, se corres,

Se paras, se volves

O rosto, e se moves

O corpo mimoso...

Oh! Nana és dos prados

O anjo formoso!

Elle.

Meu sorriso.

Quem julgar que eu tenho vida

Neste meadido sorriso,

Ha de crer que dentro d'alma

D'amor tenho um paraizo.

E' falso... que a flor da vida

Murchou logo ao despetar!

E' falso... que enquanto rio,

Minha alma vive a chorar!

Como o espelho que reflecte

A luz que lhe vai bater,

E fica espaço e sem brilho

Se essa luz foge a morrer;

Assim tambem meu sorriso

Não vem da minha ventura;

Vem de um anjo peregrino,

Vem de outra creatura.

Se o tenho no pensamento,

Fico extatico a sorrir-me,

Quando de véra chorar

Pela dor que ha de ferir-me.

Não creias no meu sorriso,

Não creias no meu transporte;

Junto á vida, dentro d'alma

Eu tenho o germen da morte!

Como a bolina que nasce

No pedunclo já quebrado,

Que morre sem ter vivido,

Que tira sem ter gosado;

Assim eu na primavera

Dos annos — não tenho vida...

Tenho a alma em extrema luz,

No desengano perdida!

Nem sempre na flor dos labios

Um riso exprime a ventura,

Tal como nem sempre o pranto

Vem da fonte d'amargura.

Qual patativa que então
Na floresta hymnos de amor,
E pára em meio do canto
Morta aos pés do caçador :

Assim eu, no meu futuro
A morte apenas diviso...
Sem crengas para chorar,
Hei de morrer n'um sorriso !...

Se o sorriso é de despeito,
Contra o mundo e sua lei,
Se elle é filho da desgraça
Ou da loucura, — não sei !

Sei que quanto mais me punge
A dor que minh'alma tem,
Mais sereno tenho o rosto,
Mais me sorrio também.

E que os males que eu padeco
São males que não tem fim ;
Por elles sequei meus prantos,
Sem prantos — me rio assim.

GUARALDI.

Impossível.

Quando nas rubras azas da manhã
Vem o sol despontando auri-fulgente,
Sugando o rocio de perfume envolve
Do lyrio alvi-titente ;

Quando nas franças de pinheiro estivo,
Que as palmas curva farfalhando endeixas,
A meiga rôta vai pousar esquiua
Cantando tristes queixas ;

Quando o regato que serpêa a relva
Beijando as flores que lhe as margens bordão,
Falla de amores, recordando as almas
Que n'alma nos acordão...

Eu me lembro de ti, de teu sorriso,
Das tuas seducções, do teu composto,
Das tuas lernas falas, dos teus olhos,
Do teu formoso rosto !

Eu me lembro de ti — quando á minh'alma
Harmonica sorri-se a natureza,
Em tudo me mostrando as graças tuas,
A tua singeleza !

Mas tão doce lembrança só deusinda,
Oh ! não do da pureza, da saudade,
Quando penso que te fazer não podés
A minha fidelidade !...

GUARALDI.

Revista da semana.

Começarei regosijando-me com o leitor pela ausencia do calor e pela constante chuva dos tres ultimos dias. Reverdecêrão as folhas das arvores amarellecidas pelos ardores do sol, que durante quasi dois mezes fez-nos caretas todos os dias.

Com effeito, se Deos não se compadecesse da sorte dos habitantes do Rio de Janeiro, em breve morrerião todos á sêde ou suffocados pela immensa poeira, que além de nociva aos pulmões, fazia-nos espirrar constantemente, obrigando aos que nos ouvisão a repetirem — *Dominus tecum* — Muito obrigado — Não ha de que... o que não deixava de ser um vexame. Choveo, choveo bastante, alliviando assim a Illustrissima do penoso cuidado da irrigação das ruas e praças da cidade, cujo trabalho estava em vaeção ha longo tempo.

Desejava fallar-lhes sobre as irregularidades e factos constantes da estrada de ferro de D. Pedro II ; porém como a dirige agora o Sr. Mariano Procopio Ferreira Lage, muito conhecido pelo seu tino administrativo, tenho esperanças de que as cousas mudem ; entretanto, direi aos meus leitores que tendo um amigo meu de partir para Europa no paquete francez, for na vespera dormir no Engenho Novo, e perdeu a viagem porque o trem que d'ahi devia partir ás 6 horas e 42 minutos da manhã, partio depois das nove. Sobre quem cahe a responsabilidade dos prejuizos que soffreu o meu amigo ? Responda-me quem souber ! Contente-se a estrada de ferro, pois tem companheiro nos incommodos e massadas que dá ao publico. Os *bonds*, apregoados no começo como empresa que metta as goifolias fluminenses no chindelo têm nos mostrado que não devemos nunca abandonar aquillo que já conhecemos para experimentar o que ainda pôde ser bom.

Em breve iremos para o Catette ou qualquer ontre arrabalde sentados ao collo uns dos outros. Além de não haver nos taes *bonds* numero certo de passageiros, encara o homem com um recebedor muito cortez, que depois de ter enchido o carro com maior numero de pessoas do que elle comporta, obriga-nos por meio da civilidade, depois de nos termos sentado, a viajar de pé, porque no meio do caminho quizerão embarcar

mais duas ou tres senhoras. Ajunte o leitor a tudo isto as vezes que o carro sahe do trilho, as espetadellas que soffrem na barriga os pobres burros, as vozerias do conductor, a ver-se o homem obrigado a encommendar os visinhos pedindo que lhe troquem dez tostões, porque o rebedor, alem de não trocar dinheiro, não accieita senão cartões da companhia, e diga-me quaes as vantagens que offerece semelhante empresa.

Já são bastante conhecidos da publicos os compendios de instrucção elemental do Sr. padre Vicente Rodrigues da Costa Soares, destinados ao uso de nossas escolas. Nada mais me resta dizer sobre elles, á vista do que disserão pessoas tão autorisadas; e se todos comprehendessem a necessidade de livros uteis á instrucção publica, como os que acaba de publicar o Sr. padre Soares, ella ha mais tempo teria progredido, e nossos filhos beberião a instrucção de que tanto precisam, em fontes mais puras.

Esperamos pois que o Sr. director da instrucção publica conheça tambem a utilidade dos compendios de que fallamos.

Domingo passado teve lugar no oratorio dos romeiros do Senhor do Bomfim, uma missa cantada por occasião da posse da administração que tem de servir no anno de 1869 a 1870, a qual, em signal de reconhecimento e gratidão pelos serviços prestados á romaria pelo seu fundador o Sr. Varginhas, offereceu-lhe o seu retrato.

Homens como o Sr. Varginhas merecem tudo da sociedade; além de suas qualidades inextinguíveis como chefe de familia, eleva o seu amor pela religião ao ponto de collocar, só á custa do seu trabalho, a romaria do Senhor do Bomfim no pé em que se acha.

De taes trabalhos não espere o provedor da romaria recompensa dos homens; só Deus lhe poderá pagar tantos sacrificios.

Distinctas senhoras entoarão durante a missa hymnos de adoracão ao Creador, e a musica, composta de amadores, não deixou de concorrer para maior solemnidade da festa.

Honra ao Sr. Varginhas!

Ahi temos as portas do Carnaval, os foliões entusiasmados, os temiveis zabumbas do club do

Zé Pereira, preparão-se com afan para dar-nos durante os tres dias momentos de verdadeiro prazer. E' a semelhança da Semana Santa, em que os pais de familia, os maridos, os amantes, os namorados, etc. etc. vêm-se apertados com peditorios que lhes arrancão até o ultimo vintem da algebeira.

A menina travessa que ha longo tempo não fallava ao predilecto do seu coração vai ter o prazer de conversar com elle mesmo nas barbas do papai. Consta-me que já não ha nem um só camarote a venda no theatro de S. Pedro. Apresados corrérao os pais de familia a compral-os, porque não desejavão que suas innocentes filhas perdessem mais um espectáculo de moral e civilisacão, dado pelas nobres sociedades Bohemia, Club X e sobretudo os Estudantes de Heidelberg. As scenas que se praticão nos nossos bailes carnavalescos são taes e tão horribeis que julgo não haver homem sensato que leve suas filhas ao theatro para presenciarem actos, os quaes ellas devião envelhecer ignorando-os. E como a civilisacão e o progresso tem chegado ao seu zenith veremos os theatros cheios de meninas solteiras, de senhoras casadas, e em maior numero do que foliões carnavalescos.

A mania das sociedades carnavalescas é um mal que nos roe a algebeira, estraga e até inutilisa nossos filhos. Meninos que hontem sahirão do berço, apresentam-se em publico a praticarem toda a sorte de obscenidades. Eis a civilisacão, eis a educacão completa de nossos filhos.

STRICT LIGHT.

AVISO.

Com este numero finda o 1.^o trimestre da assignatura da *Revista Fluminense*.

Não podendo o proprietario deste jornal continuar á testa de sua redacção, e em virtude de contracto que vem de celebrar com o proprietario do jornal *Revista da Semana*, os Srs. assignantes continuarao, como até agora, a receber semanalmente as suas folhas.

O contracto que vem de celebrar desobriga o proprietario da *Revista Fluminense* de toda e qualquer responsabilidade, devendo os Srs. assignantes dirigirem as suas reclamações ao proprietario da referida *Revista da Semana*.

Sendo esta ultima folha de igual formato e numero de paginas, illustradamente collaborada, nenhum prejuizo resultará aos Srs. assignantes, como é de esperar.